

A guerra holandesa no Brasil ajudou a pôr ainda com mais evidência diante dos nossos olhos o problema racial, já que brancos, negros e índios se envolveram na arrumação da sociedade étnica que estava em formação.

O negro era raça cativa, de um pobre destino, mas ao braço escravo passou-se a responsabilidade pela sustentação de governos e de economia. Desafiar o Império era, mais tarde, lutar contra a escravidão.

José Bonifácio, na carta de 1823, propôs sua famosa Representação contra a escravidão. Mostrou até que o trabalho livre era mais rendoso que o servil e afirmava que o Brasil não seria plenamente uma nação enquanto não transformasse escravidão em plenitude de cidadania. Se a Representação tivesse prosperado a história seria outra.

Estávamos independentes, mas a servidão humana continuava. Os leilões prosseguiram no Mercado do Valongo. O negro, que poderia ter sido libertado, pelo menos por conta do seu braço forte na expulsão dos holandeses, continuava escravo. Ninguém pensou em libertá-lo. O escravo era *res nullius*. Rugendas documentou tudo em desenhos preciosos. José Mariano bradou, Castro Alves não comoveu de todo com os seus versos, Dona Olegarinha acolheu escravos e despachou-os de Pernambuco para o Ceará, o Clube do Cupim, no Recife, era a via rara da libertação. Este era o cenário da perplexidade.

A surpresa viria com Nabuco. O aristocrata destinado a ser mais adiante um par do Reino, despertara em Massangana. E para sempre teria saudade do escravo e horror à escravidão. Saudade dos “santos pretos”.

Nabuco se extremou como espécie de figura quase apostólica de abolicionista, como disse Gilberto Freyre na costumeira elegância e na precisão conceitual sempre invejável.

Esse apostolado radicalizou a ação nabuqueana, que não se batia apenas por mudanças, mas por eficiente transformação.

*Casa Grande & Senzala* deixa bem claro de como em relação à história da abolição passamos do preconceito ao conceito.

Em *O Abolicionismo*, Nabuco observa que noutros países a luta contra a escravidão não tinha o caráter de reforma política primordial, porque “não se queria a raça negra para elemento permanente da população, nem como parte homogênea da sociedade”.

Esta Academia testemunha dos tempos e mensageira do passado como provocação das construções do hoje e do amanhã, ativamente está comprometida a cultivar a personalidade de Joaquim Nabuco, a rastrear sua fascinação política, sua estética atraente, sua personalidade a um só tempo singular e plural. O fatiamento ideológico de que talvez seja vítima, não nos impede de apreendê-lo em sua totalidade. A fatia que nos coube não seria o que

é se não alimentasse, como o comprova a sua biografia devidamente registrada pela historiografia, a compreensão da atualidade e, inclusive, do futuro de nossa realidade e utopia brasileiras.

Rubén Dario reconhece que nos pensamentos de Nabuco a profundidade alcançada, quase sempre através de uma bela imagem, está a indicar o quanto frequentava os poetas, os livros santos.

Como sugere Roberto Cavalcanti de Albuquerque, um de seus maiores estudiosos, vamos nos dedicar a desvestir nele a bipolaridade de razão e sentimento, a inglesa impressão aristocrática, a impressão literária tão francesa, a italiana impressão artística e a civilização material tão americana. Escanear o monarquista que se converteu a um certo republicanismo é tarefa prazerosa.

Nesse desvestir não estamos sozinhos. Já convidamos e continuaremos a convocar inteligências que nos auxiliem na desafiante análise nabuqueana.

Brennan ou Caetano Veloso, Alfredo Bosi ou Rubens Ricúpero, brasileiros ou estrangeiros, muitos já foram ou serão chamados e escolhidos.

Hoje é a vez de Fernando Henrique Cardoso em quem Francisco Weffort ressalta o gosto por revelar identidades complexas. Pois Nabuco é um rico tema complexo para um sociólogo que tratou de *Capitalismo*

*e Escravidão, Proletariado e Mudança Social em São Paulo, Autoritarismo e Democratização.*

É claro que esta Casa é atenta à sua sensibilidade, que demonstrou a vida inteira, pela História e para a ação, raízes que o explicam na excepcionalidade como intelectual.

Em texto de tempos atrás, é ainda Weffort quem diz que a biografia de Fernando Henrique Cardoso ajuda a entender a história do seu tempo. É como no caso de Joaquim Nabuco. E tem razão.

A criação intelectual e o exercício da vida pública em Fernando Henrique Cardoso se prestam “a entender um pedaço decisivo da nossa história”.

Teremos muito a aprender, agora, com o professor da USP e de tantas outras universidades “desse mundo de meu Deus”, como se diz na terra de Joaquim Nabuco. A profundidade com que estudou a escravidão e sua pesada herança na vida do País, em termos de raça, desigualdade e pobreza é título já suficiente.

Com a sua costumeira e louvada lucidez, Celso Lafer observa ter Fernando Henrique Cardoso zelado pela atenção ao método: “buscar a informação relevante e compreender, sem dogmatismos ideológicos, todos os pontos de vista procurando entender e discutir antes de escrever ou decidir.” É

com base neste modo superior de ser que escreveu o prefácio elucidativo ao *Balmaceda*.

Fernando Henrique Cardoso a vida toda entendeu o que Guimarães Rosa alertava sobre a importância da travessia. Daí confiarmos tanto no que há de ponderar das experiências vividas por Joaquim Nabuco. Sobre elas agora queremos ouvi-lo na forma a que Hannah Arendt atribuía importância compreendedora, a narrativa e a experiência.

Discurso a 18.3.2010 na ABL